

**DEPOIMENTOS DE UM MOÇO SOBRE A HOSPITALIDADE [PARTE II]:
A AÇÃO HUMANA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Testimonials of a Young Man about Hospitality [Part II]:
Human Action in Pandemic Times

RONALDO LEITES DIAZ¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i4p10>

RESUMO

Os anseios, angústias e medos são semelhantes para todos nós e para todas as pandemias. Apesar da melhora da condição social nos últimos cem anos, a condição humana e o desafio de enfrentar a dificuldade com resiliência permaneceu o mesmo. O presente texto ensaístico traz reflexões sobre os tempos de Covid-19, a partir do *Ensaio sobre a dádiva*, de Marcel Mauss, e do conceito de Praxeologia, do economista Ludwig Von Mises. Inicia-se elaborando o conceito de dádiva na sociedade e após se traça um paralelo da ação humana coletiva com a individual. Então, discute-se a angústia causada pela perda de liberdade em detrimento do coletivo causada pela pandemia e se analisa o medo causado pela irrevogabilidade das escolhas individuais. Onde se poderiam encontrar as respostas para a resignação e pensamento crítico necessárias para lidar com tempos muito difíceis?

PALAVRAS-CHAVE

Hospitalidade; Dádiva; Ação Humana; Pandemia; Covid-19.

ABSTRACT

Yearnings, anxieties and fears are similar for every one of us and for every pandemic. In spite of the improvement in the social conditions in the last one hundred years, the human condition and the challenge to face adversity with resilience has remained the same. The present essay brings reflections on the era of Covid-19, using the book *The Gift: Forms and Functions of Exchange in Archaic Societies*, written by Marcel Mauss, and the concept of Praxeology, introduced by the economist Ludwig Von Mises. It starts by defining the concept of 'Gift' in Society, in order to parallel the collective human action with the individual human action. Then, it is discussed the anguish caused by the loss of freedom in exchange for the safety of the collective caused by the pandemic, via an analysis of the irrevocability of individual choices. Where answers can be found for resignation and critical thinking, needed in order to survive very difficult times?

¹ **Ronaldo Leites Diaz** – Graduado. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. <http://orcid.org/0000-0001-5141-2505> E-mail: rldiaz@ucs.br

KEYWORDS

Hospitality; Gift; Human Action; Pandemic; Covid-19.

INTRODUÇÃO

Acordo nesta manhã chuvosa. Levanto da cama, ainda um pouco tonto devido à medicação utilizada para dormir. Estes dias de pandemia têm consumido minha alma; anseio por estar livre e sair para as ruas e caminhar, conversar e ver meus familiares e amigos. Após o desjejum, recordo-me que ainda preciso trabalhar em minha dissertação. Entro no escritório. Ali está um livro de capa preta: *Ensaio sobre a Dádiva*. Na sua capa algumas figuras estranhas, mulheres indígenas, carregando cestas em suas cabeças.

Pego o livro em minhas mãos, aproximo-me da janela e abro o vidro para poder escutar o barulho da chuva que cai lá fora, sentir a brisa fria do inverno. Deslizo meus dedos sobre as páginas deste livro de capa preta. Deparo-me com o capítulo IV, ‘O Presente aos Homens e o Presente aos Deuses’, e a primeira palavra que consigo ler é “observação”. Olho pela janela, a rua quase deserta, pouco movimento, poucos carros. Todos estarão confinados como eu? Eles estão com medo da pandemia, a tão temida Covid-19, como eu estou?

Retorno o olhar às páginas do livro e leio: “O Presente Feito aos Homens e o Presente Feito aos Deuses”. Um quarto tema desempenha um papel nesta economia e nesta moral dos presentes, que é a prenda dada aos homens à vista dos deuses e da natureza. (Mauss, 2008, p. 72). Quais dádivas terei eu para compartilhar e quais para receber? Onde estaria essa dádiva neste momento em que estou só e isolado? Eu sinto que a distância física e emocional entre nós aumentou, e impossibilitou o simples ato de dar e receber.

Ao ler mais algumas páginas, descubro que uma das grandes contribuições deste autor na área da Sociologia foi demonstrar que o valor das coisas terrenas não pode ser superior ao valor de uma relação amistosa. Isso permeia meu pensamento, acabo me questionando sobre o papel da amizade e das relações de trocas de dádivas como símbolos fundamentais do tecido social. Apesar de estarmos em uma sociedade considerada consumista, individualista, de laços ‘líquidos’, esses valores são essenciais na manutenção da estabilidade das relações humanas.

A DÁDIVA

Mauss (2008) pondera que, mesmo em sociedades arcaicas, as mobilidades de trocas de mercadorias não são superiores às relações que os seres humanos estabelecem entre si. Tendo estudado o passado dos povos, ele afirma que a aliança entre os seres humanos segue vigorando no presente. Então, pergunto-me: Quais alianças estão estabelecidas em um momento de pandemia? Acredito que os governos são capazes de desconstruir a lógica do autor. Enquanto a maioria dos países se organizam para combater a disseminação do Covid-19, o atual presidente zomba e brinca que estamos passando por apenas uma “gripezinha”.

O capítulo IV, “O ensaio da dádiva”, leva-me a pensar se todo ser humano se comporta de forma realmente humana. Tenho algumas incertezas. No momento, não tenho muito a fazer, posso ir somente até a academia de natação e passo a maior parte do tempo conectado, no computador, acompanhando algumas notícias e trabalhando na rotina acadêmica. Ao ler uma matéria no site BBC News intitulada: “Coronavírus: As máscaras que você joga fora podem acabar matando uma baleia”... Fico mais apreensivo, preocupando-me também com o risco da pandemia para o meio ambiente.

A pandemia da Covid-19 trouxe um novo desafio para a relação do humano com a natureza. Máscaras e luvas usadas podem acabar poluindo os oceanos. Ambientalistas alertam que a pandemia poderia aumentar significativamente a poluição ambiental. Segundo Doug Cress, vice-presidente de Conservação da ONG Ocean Conservancy, ouvido pela BBC News, o mundo descarta 129 bilhões de máscaras e 65 bilhões de luvas plásticas todos os meses. “A luva ou a máscara que você tira e casualmente descarta, porque acredita ser importante para a sua segurança, pode ser facilmente a luva ou a máscara que mata uma baleia”, diz. “Devemos entender que um simples ato de indiferença ou autoproteção pode ter um efeito tremendamente deletério na outra ponta”, acrescenta (BBC News, 2020).

Seria a pandemia aquela que efetivamente desafia a natureza? Ou seria o próprio ser humano que desenha esse caminho para si próprio? Aqui a dádiva está muito clara: ao causar dano à natureza, essa retribui ao homem. Todo mal que causamos poderemos receber na mesma moeda. Mas será mesmo uma retribuição? Talvez sejamos parte tão integral da natureza, uma parte tão pouco dissociável, que se torna impossível causar dano à ela, sem causar dano à nós mesmos.

Mantendo o foco voltado para a tese principal deste capítulo, pode-se entender a constituição da vida social por um constante dar, receber e retribuir. Mauss (2008) demonstra que dar e retribuir são obrigações universais, organizadas de modo particular em tribo, povo ou nação. Assim, chegamos à importância da compreensão sobre como tais trocas são concebidas e praticadas em diferentes lugares e em diferentes momentos da história. Essas podem tomar formas variadas, partindo de retribuição pessoal à redistribuição de tributos. Para o autor, tudo pode ser considerado como um ser vivo:

A terra, o alimento, tudo o que se dá é, aliás, personificado; são seres vivos com quem se dialoga e que tomam parte no contrato. Querem ser dados. A terra falou em tempos ao herói solar, a Rama, filho de Jamadagni; e quando ele ouviu o seu canto, deu-a toda ao próprio rsi Kaçyapa; ela dizia, na sua linguagem sem dúvida antiga. Recebe-me [donatário] Dá-me [doador] Dando-me tu obter-me-ás de novo (Mauss, 2008, p. 170)

Existem mais pessoas além de mim em isolamento social. É necessário, como sociedade, pesar o risco individual contra o risco do meio ambiente. Estou aqui, lendo e tentando entender, e confesso que não é nada fácil encontrar uma explicação lógica para isso. Além de estar restrito à minha casa, exceto pelo trajeto natação-casa, assisto à interação do meio ambiente com a humanidade, a qual nem sempre é positiva.

Ao definir a sociedade como um ‘fato social total’, Mauss (2008) compreendeu que a vida social é essencialmente um sistema de prestações e contra prestações, o qual obriga a todos os membros da comunidade. Mas entendeu, também, que essa obrigação não é absoluta na medida em que, na experiência concreta das práticas sociais, os membros da coletividade têm uma certa liberdade para entrar ou sair do sistema de obrigações – mesmo que isto possa significar a passagem da paz para a guerra. Uma leitura atenta do “Ensaio sobre a dádiva” demonstra isso: há uma incerteza estrutural no sistema de circulação de dádivas entre os homens, o que os leva a passarem permanentemente da paz para a guerra e vice-versa. (Martins, 2005)

A DÁDIVA E A AÇÃO HUMANA

Mauss (2008) traz a luz na forma das ideias. Conforme a famosa frase do economista Ludwig Von Mises (*apud* Jardim, 2018, s/p): “Ideias e somente ideias podem iluminar a escuridão”. A pessoa pode optar por sair de tal sistema de obrigações, em busca de benefício próprio. No

entanto, a saída deste sistema implica na sua segregação da sociedade – a comunidade geralmente não vê com bons olhos a falta de reciprocidade na interação social.

A ação humana é dinâmica, subjetiva, envolve mudança, incerteza, tentativa e erro. Ela sempre objetiva um fim, uma situação mais confortável e um futuro desejado, que pode ou não ser atingido. A ação empreendida ocorre em determinado momento e rapidamente se torna passado. Ela se confunde com a percepção da passagem do tempo, com a verificação do sucesso da ação empreendida. Dado que o indivíduo percebe o tempo como um bem escasso, o agente "homem" busca economizá-lo por meio da priorização de ações numa escala de valores. Podemos dizer, a partir do "axioma da ação", de L.V. Mises, que toda ação realizada no momento é aquela à qual atribuímos maior valor, pois se assim não fosse, por que agir de determinada forma no presente? A ação presente é considerada, portanto, a mais urgente, simplesmente porque é a ação que está sendo executada no momento, como por exemplo ler esse artigo (Jardim, 2018, n.p)

Portanto, criando um paralelo entre a visão de Mauss e de Mises, o tecido social depende da ação humana, à qual é resultado da constante interação entre vários indivíduos com objetivos e desejos diversos. Segundo Mises (2020), cada qual toma como ação aquela que lhe parece mais lógica e que lhe trará maior ganho. No entanto, como Mauss pontua, é necessário levar em conta as consequências e o impacto social dessa ação para evitar ser ostracizado através de ações inospitaleiras dentro da comunidade.

Neste momento, há uma guerra invisível contra um vírus que não vemos, mas também contra ideias capazes de corromper a interação humana. Tudo leva a crer que o próprio homem maquinou isso, foi ele o próprio autor deste caos em que vivemos. Estou completando meses preso, sem poder respirar, sem liberdade, de pés e mãos atadas, à espera de uma milagrosa vacina.

Seria esse paradoxo da ação humana que percebo ao ler Mauss e Mises? A globalização nos parece algo óbvio e que trouxe prosperidade ímpar para a humanidade. No entanto, algumas de suas consequências são nefastas, causando danos ao meio ambiente. Apesar disso, no momento em que ela causa danos a minha comunidade local, passo a me questionar sobre seu benefício – mesmo após a vacina, nossos aviões e sistemas de comunicação física estarão apenas aguardando para nos trazer a próxima pandemia do outro lado do Planeta.

A LIBERDADE DO INDIVÍDUO E A AÇÃO HUMANA

Estou, portanto, à espera de uma vacina. Ela está sendo desenvolvida, mas não tenho certeza se ela funcionará e se poderei recebê-la. Anseio pela vida normal, mas ao mesmo tempo me questiono a penetração desta vacina na comunidade. Tenho dúvidas se dar, receber e retribuir são preocupações do governo ao qual estou submetido – se ele permitirá que tal vacina me traga de volta a liberdade. Conhecendo a história, conforme salientado por Massaud (2020), percebo que governos raramente abrem mão de boa vontade do poder que ganharam sobre os cidadãos comuns.

Tudo está incerto, há milhares de pessoas morrendo todos os dias, profissionais da saúde esgotados vivendo uma situação jamais vista na história do país. Nos noticiários, assisto as pessoas sendo enterradas sem o direito de um velório digno. Onde está a dívida neste momento? Temos um sistema de governo em nosso país que, seja destro ou canhoto, não se preocupa de verdade com a população, apenas em arrecadar impostos e distribuir privilégios aos poucos amigos dos vários reis. Como podem, esses que elegemos para nos guiar através de momentos cruéis e penosos, se aproveitarem de nossos medos e angústias em proveito próprio, roubando para si mesmos as dívidas as quais entregamos a eles para nos proteger?

Sinto-me revoltado e paralisado, ao acompanhar tudo isso de longe. Segundo Mauss (2008), tal atitude isolacionista de nossos governantes ao tomar nossa liberdade e nossas dívidas, não seria um passo para a guerra? Não compreendo mais por que aceitamos tais situações; como podemos assistir passivamente nossas dívidas mais preciosas serem tomadas sem nenhuma cerimônia, sem nenhum retorno, sem nenhuma retribuição.

Minha liberdade me foi tomada. Nenhum amigo meu pode vir até minha casa. Às vezes, sinto como se somente pudesse conversar com meus pensamentos e textos, como se somente dessa forma possa me expressar e expor o que estou passando. A liberdade de nossas crianças também foi tomada. Estão presas por serem possíveis transmissores potenciais deste vírus. Hoje meu sobrinho de oito anos estava comigo e isso me deixou um pouco aliviado. Embora ele não entenda completamente o que está acontecendo, ele me olha e diz: “Espero que logo a vacina chegue, pois assim poderemos visitar minha tia, seremos felizes e poderemos nos divertir.” Sinto-me triste: nem a dívida da liberdade, a mais básica, é ainda verdadeiramente minha.

Por alguns segundos fico sem palavras, o sonho de uma criança de coração puro e limpo. Talvez para verdadeiramente dar, receber e retribuir seja necessário ter o coração puro e sincero de uma criança, sem maldade e cheio de esperança. Isso me faz buscar ser resiliente, pois tenho de servir de exemplo: as crianças são o futuro da nação. Preciso mostrar que sou forte para que eles também sejam fortes, quando for contar essa trágica história que estamos vivendo.

Eu não sei exatamente porque esse livro preto chama tanto a minha atenção. Talvez sejam as mulheres sofridas na capa, com as quais sinto que tenho algo em comum. Mesmo com toda a dificuldade que elas transmitem, aparentam serem capazes de dar, receber e retribuir em suas comunidades de trocas.

Mauss (2008) tenta explicar em sua obra a importância da reciprocidade. Através de suas ponderações, acredito que ele busca compreender as origens do ser humano, através do estudo da lógica de organização social das comunidades chegando a dádiva e a contra dádiva. Não é algo tão diferente do trabalho de Mises na economia, buscando compreender o efeito econômico através da praxeologia, definida como o estudo dos fatores que levam as pessoas a atingirem seus propósitos. Enquanto Mauss (2008) se foca no coletivo da ação humana e a construção do tecido social como resultado desta, Mises se foca na compreensão do propósito por trás da ação individual.

As sociedades humanas, desde os primórdios, são norteadas pelos sistemas de reciprocidade. Ou seja, quanto mais você oferecer à comunidade, maior será o retorno que ela lhe fornecerá. Isso define a dádiva como troca mercantil, econômica, como produto da ação humana sobre o mundo. Mas onde se encaixa a natureza, incapaz de tomar ação com propósito, relegada à um agente passivo que sofre a ação humana?

Talvez uma dádiva na qual possa me focar seja cuidar da natureza. Talvez neste momento possa encontrar minha liberdade que me foi tomada. Tocar na grama, sentir o solo, ter contato com a natureza, ser e estar livre, são coisas que não têm preço. Sinto-me sozinho, mas o mundo continua a girar, e a pandemia parece que veio para ficar.

Após meses de distanciamento social, fui com minha irmã a uma área rural, um campo aberto. Desci do carro e, pela primeira vez em meses, fiquei sem máscara fora do apartamento. A sensação do ar puro batia em meu rosto, como se fosse o sopro de Deus, proporcionando-me um presente especial. Essa sensação é de felicidade, finalmente me sinto livre por alguns

instantes. Olho ao redor e vejo animais e o verde da vegetação: isso enche meus olhos de prazer. Isso me dá vontade de querer continuar a viver, sem medo desta doença invisível.

Esses momentos de liberdade me fazem refletir sobre a vida. Ela é longa e ao mesmo tempo curta. Este é um paradoxo irreconciliável. Sinto que todo ser humano carrega a marca de que seu tempo é limitado, mas ao mesmo tempo vive como se seu tempo fosse ilimitado. Existiria alguma maneira de reconciliar essa antítese fatal?

O MEDO DA IRREVOGABILIDADE DAS ESCOLHAS

Às vezes acordo à noite e fico pensando nas minhas escolhas. Elas foram realmente minhas, foram ações imbuídas de propósito, ou fui condicionado a elas pelas situações pelas quais passei? Será que eu levo em conta, nos meus dias, o fato de que minha vida terá um fim? Tenho medo de mim mesmo, enxergo em mim algo escuro. No entanto, não me lembro dos pecados que trouxeram tal escuridão. Como pode ser isso, ao mesmo tempo sou inocente, mas me sinto condenado?

Às vezes, sozinho, sinto um desespero silencioso, como se não fosse capaz de achar significado em meio a um universo indiferente à minha existência. Isolado de minha comunidade, sei que estou aqui, mas de que isso adianta? Qual seria meu papel? Há um propósito real, algum dia o universo irá dizer para onde devo ir, o que deveria construir? Sei que terei um fim, mas me pergunto se terei direito a ter um final?

Sinto-me tão solitário agora, apesar de durante o dia ver minha irmã e sobrinhos. Tão solitário o tempo todo. Meu mundo interior se tornou tão vasto, que talvez a distância entre meu mundo interior e exterior tenha se tornado tão grande, uma distância irreconciliável. As pontes entre essas duas realidades caíram e me parecem estar quebradas. Talvez não haja mais como conectar-me ao mundo real.

Às vezes penso se a morte não seria assim. Repentinamente, as pontes que me conectam à realidade são cortadas, e você deixa de existir. Não há mais nada além de seu mundo interior, e de repente nem ele mais existe. Talvez por isso tenha medo de morrer. Como poderia o mundo continuar sem minha presença, não deveria ser minha própria existência o centro de tudo? Ninguém quer morrer de verdade, todos almejamos a vida eterna. Desde que viver para sempre não seja sofrer para sempre.

Mas como viver pode ser diferente de sofrer? Se a constante sombra que a morte lança sobre nós está presente em nossas ações, em nossos propósitos, será que dar-receber-retribuir é realmente possível? Em todas as decisões, a finitude da vida humana se torna mais relevante do que o tempo em si.

Por isso talvez muitas pessoas se questionem sobre a existência de Deus. Como um ser superior poderia ser assim permissivo? Como pode permitir que nós possamos ser quebrados a esse ponto, e ainda assim, não nos estender a mão e nos ajudar a encontrar a paz?

Acredito na jornada em busca da paz individual. No entanto, é uma pena que morramos e essa jornada parta conosco. De que adianta encontrar paz e iluminação, se isso é somente nosso, e quando morremos, nada disso segue em frente? Qual é o propósito desta longa jornada, então? Perante a indiferença do universo, de que adianta buscar paz e iluminação para mim mesmo, um único indivíduo? Esse isolamento me faz questionar meus sonhos, desnorteia-me e cerceia meus propósitos.

Por isso, há dias em que não enxergo mais futuro à minha frente. Em que me sinto cansado, ora, tão cansado. Para onde vou agora? O que faço? Ficarei a vida toda lutando contra esta doença para manter as coisas que eu alcancei? Terei de ficar abalando minha paz e me destruindo para adaptar-me a um mundo inospitaleiro, somente para manter minhas conquistas?

ONDE ESTARÃO AS RESPOSTAS?

Infelizmente, não tenho respostas definitivas. Quanto mais as busco, mais dúvidas tenho. Já aceitei isto. Já superei isto.

Agora, para onde? Onde está o caminho, onde estará a saída? E se eu novamente alcançar o novo propósito que determinei? E se, de repente, eu necessitar de mais um novo propósito? Qual é o sentido de viver somente para impedir a morte?

Gostaria de ter uma resposta para estas perguntas. No entanto, entendo a indiferença do universo perante a minha existência. Entendo que essa busca deve ser minha, individual. Que a resposta definitiva é que não há, e jamais haverá, uma resposta definitiva. E que tal realidade deva simplesmente ser aceita. E que, em meio as turbulências de uma vida em que o sofrimento é inevitável, que um deva buscar paz e iluminação individual.

Díaz, R. L. (2021). Depoimentos de um moço sobre a hospitalidade [parte II]: a ação humana em tempos de pandemia. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 13(Especial Covid-19), 1-10. DOI <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i4p10>

E então, quando você acabou por aceitar a falta de sentido, como dar significado à existência? Sinto-me perdido, não sei para onde ir, a quem recorrer. Gostaria de ter uma resposta, simples, pronta, que fosse dada a mim, que eliminasse essa contradição. Qual propósito essa resposta me daria? Seria o mesmo propósito que eu busco, ou seria um propósito alienígena à minha psique? Dualidade, paradoxo: a condição humana sempre acaba por cair nisso. Que coisa inóspita. Aonde chegarei?

Continuo com meus pensamentos, ainda mais sombrios, quando penso na hospitalidade dentro do contexto da ação humana. Dever-me-ia preocupar com minha jornada individual de iluminação e a busca pela paz, com o propósito da ação humana ou com o impacto dessa sobre a comunidade? Nesses momentos em que minha liberdade me foi tomada, e careço de fé nas entidades que deveriam nos guiar, não sei se devo recorrer a mim mesmo, ou a entidades maiores que um indivíduo, mas nas quais perdi a fé.

Portanto, sinto-me perdido, e careço de uma conclusão. Tenho de ser honesto, a paz individual não pode ser baseada em inverdades. Tenho de buscar propósito para minhas ações, para melhorar minha relação com a comunidade. No entanto, esta pandemia cortou tais interações. Haverá uma saída deste mundo interior uma vez que o caos exterior acabar?

REFERÊNCIAS

- Cress, D. (2020, 9 JUL). Coronavírus: As máscaras que você joga fora podem acabar matando uma baleia. *BBCNews - Brasil*. [Link](#)
- Jardim, V. (2018, 20 OUT). Ideias e somente ideias podem iluminar a escuridão. *Objetivismo Brasil*. [Link](#)
- Martins, P. H. (2005). A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73, 45-66. [Link](#)
- Massaud, R. M. (2020, 30 ABRI). Praxeologia, ordem espontânea e Covid-19. *Instituto Liberal*. [Link](#)
- Mauss, M. (2008). *Ensaio sobre a Dádiva*. Lisboa: 70.
- Mises, L. von. (2020). *Ação Humana: Um tratado de Economia*. São Paulo: Vide Editorial.

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 4 MAI 21 Aceito 16 AGO 21